2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 15. QUINTA FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

III.

Ferro.

(Continuado de pag. 121.)

228 Os Srs. Collares augmentaram o numero das suas machinas, com uma machina propria para traçar cevada, fava e milho. É de muita vantagem a adopção deste invento para traçar as rações das cavalgaduras, e na Inglaterra é ha muito tempo usada com bastanto proveito, pois que não só o sustento se torna mais economico, sendo menor a porção ministrada por esta fórma, mas tambem facilita a digestão das cavalgaduras que tem estomago fraco.

A bomba que os mesmos fabricantes appresentaram para baldear liquidos espirituosos, deve ser de grande vantagem para substituir o systema de baldeação, até hoje seguido nos depositos de vinhos e aguardentes, e a qual é toda feita ás costas de homens.

A economia do liquido que pelo emprego da machina se não volatilisa, bem como a economia do que deixará de se derramar pelos armazens, bem depressa deverá prefazer o seu custo.

Pareceram-nos muito bem trabalhadas as tres bombas que se appresentaram na Exposição, fabricadas pelos Srs. Collares, sendo uma para regar jardins, outra simples, e a terceira aspirante comprimente. Tambem estes fabricantes appresentaram um pequeno apparelho para nevar, e parece-nos que é o primeiro deste genero fabricado no paiz: consiste no movimento de rotação communicado a duas sorveteiras por meio de uma manivella: — este meio torna a operação de nevar mais simples e mais economica podendo ser applicada em ponto grande com muita vantagem.

O apparelho simples para se correrem cortinas, stores, julgamol-o de boa applicação, e parece-nos que ha de durar mais que os usados geralmente.

Os tres fogões para aquecer salas pequenas, não appresentaram novidade no pensamento, nem na execução. Ao pé delles estava um lindo cabaz de cobre, que era obra de perfeito acabamento.

Apezar da grande importancia industrial de todos os objectos que temos mencionado fabricados pelo Sr. Collares, — os que mais chamavam a attenção geral — eram os seus oito elegantes e bem fabricados leitos de ferro: os seus preços regulam desde 18$000 até 48$000 réis.

Muita gente viu nesta bella novidade industrial um prejuizo para a marcenaria: — não pensamos assim — se o gosto desses leitos progredir a marcenaria terá em outros moveis um desenvolvimento que a compense dos leitos que deixar de fazer, pois que uma bem trabalhada cama de ferro, tambem exige mobilia variada e de gosto. Quando os Srs. Collares podérem fazer descer o preço desses leitos, por serem mui vendidos, tambem os marceneiros terão muito que fazer, por que esse facto ha-de concorrer com o complemento da revolução operada no antigo modo de mobilar as cazas.

Antes de passarmos ao exame de outros productos, convem que apresentemos uma simples noticia do bem organisado estabelecimento industrial, donde sahiram todos os artefactos que deixamos mencionados.

A vida do trabalho é sempre honrosa, mas por vezes são taes os documentos de zelo que apresenta, que a carreira modesta de um operario se transforma de subito na gloriosa carreira de um dos homens mais uteis á sociedade.

A fabrica de fundição de ferro e bronze do Sr. Pedro Collares e filhos é uma prova do que é a vida industrial, quando o homem lhe entrega de coração o seu trabalho e a sua intelligencia.

Entrando pelo corredor que serve como de atrio á fabrica ouve-se o respirar do agente que alli domina — vê-se o braço negro e robusto com que o ferro movido pelo vapor vem trabalhar varios productos da industria. Esta machina é da força de cinco cavallos, e foi toda construida na fabrica por operarios portuguezes.

Desta dependem o engenho de aplainar metal pelo systema inglez, o aparelho de brocar, um systema de limas, um engenho denominado, saca bocados, o ventilador que serve na fundição de ferro, um moinho de carvão, e as pedras de amolar, todas arrancadas das pedreiras do reino.

Mais de 60 operarios em que entram 12 aprendizes são auxiliados pela força do vapor. O salario dos officiaes é de 280 a 1$000 réis, dos aprendizes de 100 a 200 réis. A labotação da fabrica consome materias primeiras nacionaes e estrangeiras, e annualmente os seguintes elementos ahi recebem forma e avultado augmento de valor pelo poder da intelligencia e pela força do homem e das machinas.

Cobre em folha e fundidos	14,000	arratel
Cobre para fundir	9,000	»
Latão para fundir	1,400	»
Estanho de barrilha	1,400	»
Chumbo em barra	3,000	»
Zinco	500	»
Aço fino	300	»
Ferro em folha, barras, verginha de fundição	960	quintal
Carvão grosso e miudo	200	tonel.
Coke	27	»
Limas	80	duzias
Madeira de casquinha taboas	20	»
Vigas de casquinha	200	palmos
Madeira da terra — taboas	150	duzias
Vigas da terra	200	palmos

Este vasto estabelecimento que pela exportação leva os seus productos ao Brazil e á Hispanha, é donde sahiu a roda hydraulica, que serve de principal motor na fabrica de fiação de linho de Torres Novas, e dispõe de machinas que já a habilitam para construir uma machina de vapor de alta pressão até á força de 16 cavallos.

Se os inimigos das pautas, se os homens que sacrificam a um sonho da phantasia um dos nossos mais solidos principios de prosperidade publica, ao entrarem nesta fabrica lhes disserem, que é esse o mesmo estabelecimento que desde 1809 até a promulgação das pautas se conservou acanhado e apenas com o titulo de loja em uma das ruas da cidade baixa, talvez o não accreditem. E comtudo a verdade falla mais alto de que os seus dezejos de acabar com a protecção da industria.

O homem que dentro desse estabelecimento industrial tivesse animo para rasgar a pauta, na presença não só dos factos incontestaveis que temos mencionado, mas da baixa do preço dos productos acompanhada da alta dos salarios, tambem teria coragem para destruir todas essas machinas e para condemnar á morte da fome a povoação de operarios, que a industria fabril grupa em volta dos instrumentos do trabalho.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(*Continúa*).

APPLICAÇÃO DO GALVANISMO AO TRABALHO DE MINAS.

229 Eis as curiosas particularidades de uma experiencia, feita em Dublin, da applicação do processo galvanico ao trabalho de minas. — Tratava-se de fazer estalar um rochedo enorme no sitio de Brayhead, que bojava para o mar e obstruia inteiramente o traçado do caminho de ferro de Kingston a Wexford. O penhasco tinha de altura 50 metros (227 palmos). O methodo que empregaram, postoque mui simples, produziu maravilhoso resultado. No vertice do rochedo brocaram em tres sitios fazendo furos de oito metros de profundidade e 102 millimetros de diametro, e carregaram cada um delles com 40 kilogrammos de polvora da mais grossa. Fixaram conductores metallicos de modo que estabelecessem communicação entre as minas e uma bateria galvanica de grande força, para que podessem, trabalhando esta, inflammar a polvora.

Feitos estes preparativos, e cheio de mercurio um vaso destinado a pôr em contacto promptamente os conductores introduzidos na polvora e os adherentes á bateria; dado o signal foram mettidos no mercurio, e reunidos uns aos outros; a explosão foi quasi instantanea; o estrondo, similhante a uma banda de artilheria ao longe, foi tão pouco consideravel que os numerosos espectadores reunidos para verem a experiencia, assentaram por momentos que ella havia falhado; pelo que não pequeno assombro lhes causou divisarem a massa enorme de rochedo precipitada no mar: — uma porção de quasi dez metros da parte superior da rocha mui solida e dura, composta de aluminia e silex, foi completamente arrancada de sua base, desabou em fragmentos até á raiz do promontorio, como por arte magica, e a base descoberta ficou de tal modo abalada que seria facil removel-a por meio de alavancas.

Resta observar que a bateria galvanica fôra collocada a 13 metros (59 palmos) de local da explosão; e os conductores, formados de grossos arames de cobre ligados entre si por outros muito delgados de platina, tinha cada um 40 metros de comprimento, (181 ⅓ palmos.)

TINTA PARA ESCREVER EM LATA.

230 O sabio e pratico M. Chevalier descobriu a composição de uma tinta com que se póde escrever em lata ou folha de Flandres, sem que os caracteres se apaguem pela acção da temperatura, expostos ao ar.

Agua forte (acido nitrico)	10	partes.
Agua commum	10	»
Cobre	1	»

O cobre dilue-se na agua forte; estando dissolvido ajunta-se á outra infusão.

TINTA PRETA INDELEVEL PARA ESCREVER EM ZINCO.

231 Muitas vezes os curiosos de jardinagem acham difficuldade no meio de etiquetar as suas plantas, que segundo o processo moderno se marcam por numeros em pequenas chapas de chumbo ou de zinco. M. Bossin propõe uma tinta, muito preferivel á marca, porque se póde com ella escrever o nome da planta, que se pertende catalogar, permanecendo a etiqueta inalteravel no jardim.

Eis a receita:

Verdete em pó.....	1	parte.
Sal ammoniaco em pó.....	1	»
Pós de sapatos.....	1	»
Agua.....	10	»

Mistura-se tudo n'um gral de vidro ou louça, mexendo-se até ficar a massa bem ligada; póde para esse fim deitar-se mais alguma agua, mas quando se vir que o polme está bem ligado, escorre-se a agua superabundante.

Com esta tinta se escreve no zinco, e passados alguns dias os caracteres ficam perfeitamente consistentes.

RELAÇÃO DAS FABRICAS OU PRODUCTOS CLASSIFICADOS PELO JURY PARA RECEBEREM PREMIOS DE MEDALHAS POR OCCASIÃO DA EXPOSIÇÃO DO ANNO DE 1849.

Em artes mechanicas.

232 Fabrica de fundição de metaes — dos Sr. José Pedro Collares & Filhos.

Dita de fundição de metaes — do Sr. Henriques Peters.

Dita de cotelaria do Sr. Antonio Policarpo.

Em tecidos.

Fabrica de fiação e tecidos — de Torres Novas.

Dita de lanificios ao Calvario — dos Srs. Bernardo Daupiás & Comp.ª

Dita de lanificios em Alemquer — do Sr. P. A. Lafaurie.

Dita de fiação e tecidos de algodão lisbonense.

Dita de lanificios em Portalegre — dos Srs. Larcher & Cunhados.

Em artes chimicas.

Fabrica de refinação de assucar a Santo Amaro — da Sr.ª Viuva Ferreira Pinto & Filhos.

Dita de estamparia — dos Srs. Rodrigues Barros & Comp.ª, na rua da Fabrica da Polvora em Alcantara.

Dita de estamparia em Rio de Mouro — do Sr. Filippe José da Luz.

Vinho Muscatel de Setubal — do Sr. José Maria da Fonseca.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO IX.

QUESTÕES POLITICAS.

233 Oito dias depois da chegada da Rainha, o conde de Castello-Melhor, e alguns fidalgos portuguezes e francezes, esperavam n'uma sala do palacio d'Alcantara, que se abrisse a porta dos quartos da rainha, para lhe irem beijar a mão.

Todos os cortesãos estavam cobertos de preciosas gallas: mas eram sobre todos brilhantes os vestidos do favorito, enriquecidos de uma magnifica abotoadura de pedras preciosas, e adornado de relevada bordadura de oiro.

O conde fallava com um francez ainda moço que, pelo trajo elegante mas todo negro, mostrava ser ecclesiastico: e todos o escutavam attentos; uns com benevola simpathia, outros escondendo n'um sorriso de corte o seu profundo odio ao orgulhoso valido.

— Sr. Abbade — dizia o conde — o negocio de que V. S. se acha encarregado, está agora mais adiantado do que nunca. A chegada da Rainha, nossa senhora, tem diminuido muito a repugnancia que uma parte dos fidalgos e da nação mostrava para a alliança franceza. O conselho d'Estado hoje mostra-se quasi todo inclinado a acceitar a liga proposta por Sua Magestade Christianissima. E póde ser que se as condições apresentadas por V. S. forem convenientemente modificadas, cheguemos em fim a um feliz accordo.

— A utilidade que Portugal póde tirar desta liga, é immensa — respondeu o francez, que era o abbade de S. Romão, encarregado por Luiz XIV de impedir, com promessas e propostas artificiosas, a paz que os enviados diplomaticos inglezes tratavam de estabelecer entre nós e os hispanhoes. — A paz entre a França e a Inglaterra é de esperar que se faça em breve. Neste caso, a França obriga-se a romper as hostilidades contra Castella, e Portugal fica aliviado do peso dos exercitos hispanhoes. Até então Sua Magestade Christianissima obrigando-se a dar annualmente trezentos mil cruzados, e a sustentar aqui um corpo estrangeiro, contribue de um modo valioso para estabelecer a independencia desta nação sobre seguras bases.

— Não é justo — atalhou o conde — não é justo que El-Rei, meu senhor, se comprometta n'um tractado que é desegual, e de grande risco para os seus reinos. Por um tão pequeno auxilio como esse que V. S. nos offerece em nome do seu soberano, não deve Portugal empenhar-se em sustentar uma guerra perigosa, que lhe consome as forças e deixa totalmente exhaurido o thesouro publico. — A guerra que infelizmente rebentou entre as duas nações, que nos prote-

giam, deu animo aos nossos inimigos; que, receosos do grande poder da França, nos tinham já mandado propostas de paz. Esta guerra não podemos nós avaliar quando terá fim...

— A alta influencia de S. E. o Sr. Marquez de Sande — interrompeu o Abbade, mostrando com um gesto o celebre diplomatico portuguez que estava presente — ha-de talvez trazer a um accordo os dois monarchas de Inglaterra e de França.

— Póde ser que sim — proseguiu o valido; — mas tambem póde ser que se não alcance esse feliz resultado. A meu vêr, e é essa tambem a opinião d'El-Rei meu senhor, não devemos fazer uma liga com a França, senão quando definitivamente se fixar o praso em que Sua Magestade El-Rei Luiz XIV ha-de declarar a guerra á Hispanha.

— O interesse de Sua Magestade — atalhou o marechal Schomberg, que tinha grande empenho em que a guerra continuasse, porque era o general das forças estrangeiras que serviam em Portugal — o interesse d'El-Rei Luiz XIV é começar o mais cedo possivel a guerra com Hispanha, para fazer por este modo valer os seus direitos á Flandres, e ao Franco-Condado...

— Tem rasão, senhor Marechal — respondeu Antonio de Souza de Macedo, Secretario d'Estado, homem intratavel e violento, que não podia soffrer os estrangeiros. — Mas Portugal não póde sustentar um exercito de estrangeiros, e supportar por mais tempo os estragos de uma similhante guerra, só para servir os interesses e concorrer para o engrandecimento da França!

— A França obriga-se a não fazer nem paz nem treguas, sem que El-Rei de Portugal nellas seja comprehendido; já se vê daqui a grande vantagem que da liga póde colher este reino, mesmo para contractar a paz com Hispanha.

— Se Sua Magestade Christianissima — disse o Secretario d'Estado, comprimindo a custo a cholera que principiava a irrital-o — quizesse contribuir efficazmente para o bem desta nação, sua alliada sincera, não mandaria, como mandou, fazer ao gabinete hispanhol propostas de alliança, e até de liga contra Inglaterra e Portugal. Esta duplicidade...

— Póde ser que essas informações sejam inexactas — interrompeu o Marquez de Sande, que procurava sempre conciliar todas as opiniões; e buscava attrahir as simpathias dos homens politicos para a alliança franceza. — Nem sempre se podem em politica comprehender os fins pelos meios. Muitas vezes, é só para prender a attenção de um gabinete, que se lhe fazem propostas e promessas mais ou menos vantajosas; não se podem conseguintemente dahi concluir o pensamento politico e as intenções de quem faz taes promessas.

— A lealdade...

— Em politica a lealdade está no fim e não nos meios — disse sorrindo o Marquez de Sande.

— O casamento de Sua Magestade com a Sr.ª D. Maria Francisca Isabel de Saboya — interrompeu o Abbade de S. Romão — estreitou por tal fórma os laços de amisade que havia muito prendiam El-Rei de França ao de Portugal, que se não póde duvidar um instante da sinceridade das suas intenções. Nem eu — proseguiu o abbade fazendo um gesto altivo — consentiria que se duvidasse d'El-Rei, meu Senhor.

— Ninguem ousa duvidar — disse o Castello-Melhor — d'El-Rei Luiz XIV. Todos sabemos, que é obrigação nossa respeitar a Sua Magestade. É só dos interesses de Portugal, que eu, como ministro d'El-Rei meu amo, tenho cuidado agora aqui, e hei-de cuidar sempre em toda a parte. Esta questão da liga, é muito seria, muito importante, para que se possa tomar uma resolução sobre ella, antes de ter ponderado todas as circumstancias que se appresentam pró e contra. A situação de Hispanha é tal, que nos dá esperança de alcançarmos a paz, com as condições que exige a nossa dignidade, logo que termine a guerra entre Inglaterra e França. A divisão que lavra entre os ministros hispanhoes, a lucta travada entre a Rainha regente e D. João d'Austria, as victorias com que Deus, pela sua infinita misericordia, nos tem sempre favorecido, a grandeza do nosso exercito, que sobe neste anno a quasi vinte e quatro mil homens, tudo póde contribuir para que os hispanhoes nos offereçam um dia a paz, reconhecendo o Sr. D. Affonço VI como legitimo rei de Portugal. A prudencia aconselha-nos pois, que esperemos, para termos a liberdade de acceitar a paz logo que ella nos seja proposta.

— Não é para a paz que os hispanhoes parecem actualmente inclinados — observou o Abbade de S. Romão. — O ataque que elles ultimamente effectuaram contra as Berlengas, e os esforços que fizeram para surprehender a esquadra do Marquez de Ruvigni que acompanhava Sua Ma-

gestade a Rainha, provam o desejo que elles tem de hostilisar Portugal, e a esperança que ainda conservam de outra vez se apossarem delle.

— El-Rei meu amo — respondeu o Conde — sabe avaliar a importancia do serviço que lhe prestou o Sr. Duque de Beaufort, affugentando a esquadra hispanhola que intentava senhorear-se da pessoa de Sua Magestade. Mas permitta-me V. S. que eu lhe faça notar, que nada ha de commum entre esse feliz acontecimento, e a questão de que presentemente nos occupamos.

— Referi-me a esse successo, porque o considero como uma prova evidente do muito que todos nos interessamos, os vassallos de Sua Magestade Christianissima, na prosperidade das coisas de Portugal. Torno a repetir a V. E. — proseguiu o Enviado francez — que a paz entre a minha nação e a ingleza não póde deixar de se fazer com brevidade. Devemos esperar muito dos bons serviços do Sr. Marquez de Sande, que tão considerado e attendido é pelos monarchas de ambas as nações. Apenas a concordia se houver estabelecido, El-Rei, meu Senhor, dará principio á nova guorra contra Hispanha; e não só mandará exercitos para a Catalunha e para a Italia, mas enviará tambem logo um corpo de tropas para a Galliza...

— É nesse ponto, em que V. S. por mais de uma vez me tem fallado, — interrompeu o Castello-Melhor — que nós não poderemos nunca concordar, ainda que cheguemos a estabelecer de um modo satisfactorio para ambas as nações as outras bazes do tractado. A Galliza deve ser um logar onde se empreguem só as armas portuguezas; e só o nosso exercito alli ha de entrar, em quanto nos não fôr mister pedir auxilio immediato a Sua Magestade Christianissima. Os passos que as armas d'El-Rei de Portugal tem dado em Galliza, o pé em que nella se acham já, e a facilidade que ha em proseguir por alli a guerra, não soffrem poder-se fazer outra coisa.

A severidade com que foram dictas estas ultimas palavras pelo valido de Affonso VI, foi tal, que o Enviado francez lhe não respondeu coisa alguma. A conversação politica interrompida por este modo, vagueou incerta por algum tempo, até que a voz do porteiro, que abria a porta dos quartos da Rainha, lhe poz termo de todo.

A sala onde os fidalgos entraram estava toda armada de damasco verde, com franjas verdes e brancas; as sobrejanellas eram de velludo carmesim com frontaleiras de tela de prata: e a tarima de quatro degraus em que estavam assentados a Rainha e o Rei, cobria-a um magnifico docel bordado.

Os fidalgos foram beijar a mão a Suas Magestades. Quando o valido ajoelhou aos pés da Rainha, esta estendeu-lhe graciosamente a mão, e disse-lhe com um sorriso:

— Ainda não está resolvida a questão da liga, Conde?

— Não, real Senhora. O conselho não resolveu ainda se convinha ou não acceitar as condições propostas pelo Sr. Abade de S. Romão.

— Tudo depende da vossa vontade só, Conde — interrompeu a Rainha. — Eu sei já o muito que podeis; espero que me haveis de fazer quanto vos tenho pedido.

— Saiba, Vossa Magestade — respondeu o Conde, levantando-se, — que eu não tenho poder nem sou digno de o ter. — Os desejos de Vossa Magestade, são com tudo preceitos a que eu não posso deixar de obedecer sempre que fôr possivel.

— Desejava, já vol-o disse, Conde, desejava muito que meu tio, o bispo duque de Laon, levasse para França a noticia de estar já assignado o tractado de liga.

— Sem o conselho dar a esse respeito o seu voto, real Senhora, não é possivel assignar-se o tractado.

— Porque me não dais então immediatamente o logar que me pertence no conselho? — perguntou a Rainha com impaciencia.

— É necessario ordem de El-Rei para eu...

A Rainha voltou-se immediatamente para D. Affonso VI; e tocando-lhe no braço com o leque, disse-lhe em francez, que o seu secretario Verjus, que estava por detraz do estrado, traduziu logo:

— O Conde diz que é necessario uma ordem de V. M. para eu entrar no conselho. Espero que V. M. se não esquecerá de que é um direito das Rainhas de Portugal o tomarem parte nos conselhos de estado.

El-Rei, ao ouvir estas palavras da Rainha, ficou perplexo e inquieto; olhou duas vezes para o Conde, e respondeu:

— Depois, mais tarde fallaremos n'isso.

— Hei-de esperar muito ainda — perguntou a Rainha em hispanhol.

— Sua Magestade ha-de resolver este negocio com a possivel brevidade — atalhou o Conde.

— Convencei-o, Conde; usae do vosso valimento em meu favor — disse a Rainha, encobrindo mal com um sorriso a cholera que a agitava.

— Quem póde mais do que V. M. sobre o espirito de El-Rei! — exclamou o Conde, lançando-lhe um olhar apaixonado.

O Conde tinha pouco mais de trinta annos, e podia dizer-se que era um bello e elegante cavalheiro; mas apezar disso o seu olhar ardente esfriou, e quebrou-se no rosto altivo da nova Rainha.

— Ha, começo a desconfiar que ha alguem que me quer privar de toda a influencia sobre a vontade e o coração de meu marido! — murmurou a Rainha, voltando orgulhosamente a cabeça.

Estas palavras fizeram profunda impressão no valido. O Conde de Castello-Melhor, receiava muito que a Rainha se unisse ao partido que lhe era contrario; e esse receio fazia com que elle hesitasse entre o desejo de lhe agradar, dando-lhe o logar que ella desejava no conselho de estado, e o medo de lhe entregar nas mãos armas politicas de que mais tarde ella se podesse servir para o hostilisar.

A influencia franceza em Portugal, que era muito grande desde a acclamação de D. João IV, tornára-se maior com a chegada da Rainha. O valido receiava não poder resistir, ao partido do Infante se um dia se apoiasse nesta influencia; e por essa rasão procurava attrair a si as simpathias da corte de França, sem com tudo querer perder o apoio inglez. A situação pois do Conde nestas circumstancias, era por extremo melindrosa; e tornava-a ainda menos segura, a impossibilidade que havia em ter El-Rei relações de intima e estreita amizade com sua real espoza.

O Conde teria de certo acceitado as propostas de liga, offerecidas pelo enviado francez, se não fosse o receio que tinha de attrair sobre si o odio popular. A nação toda, cançada da guerra, mal podia supportar a idéa de que tão grande calamidade pezasse mais tempo sobre ella: alguns fidalgos, os governadores e cabos de guerra costumados a mandar despoticamente e a viver do roubo e da licença, e um pequeno numero de individuos, cujo amor das patrias glorias se tornara fanatismo, eram só quem desejava a prolongação da guerra; o povo, que pagava, e que padecia simultaneamente as vinganças e crueldades do inimigo, e as oppressões e tirannia dos naturaes e estrangeiros que pelejavam em nome da sua independencia, o povo, para quem a guerra era um tremendo flagelo, só pedia, só desejava a paz.

Fazendo rapidas reflexões sobre todas estas circumstancias, o Conde de Castello-Melhor julgou prudente não proseguir a sua conversação com a Rainha; e afastou-se da tarima para dar logar aos outros fidalgos.

Poucos instantes depois chegou o Infante, que vinha para cumprimentar Suas Magestades, e acompanhal-as aos toiros que naquelle dia se haviam de correr no Terreiro do Paço. A entrada de Sua Alteza produziu uma ligeira agitação na sala, que foi seguida do mais profundo silencio. D. Pedro, nos oito dias que tinham decorrido desde a chegada da Rainha, só duas vezes fôra a Alcantara, e nessas duas occasiões não se encontrára com El-Rei. A scena violenta que tivera logar entre os dois irmãos, já era sabida por toda a corte, e todos tremiam que ella se renovasse em publico e diante da Rainha.

— Quando Sua Alteza atravessou a passos lentos a sala, recebendo as respeitosas genuflexões dos cortezãos, Affonso VI voltou-se para elle, e disse-lhe com voz aspera e severa:

— Pois não te foste ainda?

O Infante, que já estava ao pé da Rainha quando estas palavras saíram a custo da boca de seu irmão, curvou ligeiramente o joelho, pegou na mão da graciosa franceza, e beijou-a com respeito.

El-Rei impaciente repetiu a pergunta. Então Sua Alteza que já tinha, segundo os principios de prudencia que lhe ensinara o seu mentor D. Rodrigo de Menezes, vencido a natural cholera que lhe agitava a alma, respondeu tranquillamente:

— Já tive a honra de dizer a V. M. que esperava pelo dia da entrada solemne da Rainha, minha senhora, em Lisboa. Só depois de ter, como é dever meu, acompanhado V. M. nesse dia, é que eu conto aproveitar-me da licença que me deu para saír da corte.

A Rainha que não fallava ainda, mas intendia o portuguez, querendo cortar a tempo esta perigosa discussão, voltou-se para seu real espozo, dizendo:

— São horas de partirmos. Estou com grande curiosidade de vêr uma corrida de toiros: é espectaculo novo para mim.

— Pois vamos — respondeu El-Rei, pondo-se de pé.

— Esperavamos por V. A. — disse a Rainha ao Infante, acompanhando estas palavras com um gracioso sorriso. E, apoiando a mão no braço de Sua Alteza, levantou-se da cadeira em que estava assentada, e desceu os degráus da tarima.

D. Pedro ficou por tal fórma arrebatado ao ouvir aquellas simples palavras, e ao sentir a mão da bella Rainha tocar-lhe ligeiramente o braço, que não teve forças para responder uma só palavra. Um pallido e incerto sorriso lhe vagueou nos labios, subiu-lhe ás faces um subito rubor, e apenas murmurou alguns sons inarticulados, que em nenhuma lingua teriam significação, a não ser na lingua mysteriosa dos namorados.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

ERA UM AMIGO.

234 I

Comprehendel-o — ninguem! Passou na terra,
Vertendo sangue e lagrimas... Que importa?..
A alma teve-a grande — era d'um anjo
Seu pobre coração! Gemeu sosinho,
Ermo, orfão na dor. Curtiu affrontas,
E calou-as. Ninguem ouviu carpil-o,
Na hora do morrer, mas foi um martir!

Por noites tormentosas d'agonia
O leito do infeliz era de espinhos.
Pousava a face pallida na pedra
Fria d'um sepulchro, e ahi baldou-se
A compaixão de Deus, que mendigava:
A morte, e nada mais pedia a victima
D'um 'spirito, que teve altivo e immenso!
Quem a esperança lhe desse inda o salvava;
Uma esmola d'amor dava-lhe a vida...
Ninguem! Foi desastrosa a sua morte,
E acerbo o seu soffrer de paroxismos!
Ralou-o surdamente uma saudade...
Saudade... não! — Que foi? É um segredo,
Que a campa não revela. A mão do homem
Esmaga ao coração os grandes brios,
Mas não rasga mysterios n'um cadaver.

II

Elle nascêra nos braços
Da opulencia fallaz;
Nessas meiguices de abraços,
Que mãe carinhosa faz.
Teve da vida as delicias
Na estação d'almas caricias,
Quando é sonho este viver;
Teve tudo que tiveram
Os mimosos que vieram
Reis do universo ao nascer!

Da fronte as candidas rosas
Murcharam do seu verdor;
Depressa as faces mimosas
Lhe turva a sombra da dor.
É desgraça! O seu destino
Persegue-o desde menino
Na innocencia a dormir!
Inda no berço — que sorte! —
Sorri á vida, e a morte
Rouba-lhe á mãe o sentir!

Resta-lhe o pai; esse amava
Seu filho do coração;
Inda mais idolatrava
A honra que é seu brazão.
Accordou, um dia, pobre,
Olha o futuro, e descobre
A miseria em negro veu...
Ergue o braço suicida,
Maldiz o jugo da vida,
Abraça o filho, e — morreu!

Deixou-o!.. Que lhe restava?
Outra infeliz — uma irmã.
Fortuna... — nem pão herdava
Para o dia de ámanhã!
Sem nada, achou-se no mundo,
Só, neste abysmo profundo
A revolver-se no pó.
Não pediu — fome... oh se a teve!..
Mas esmola a ninguem deve,
Que a ninguem mendigou dó.

E, depois, aos vinte annos
Era velho, e sem vigor.
Viram-n'o ahi os insanos
A gemer — riram-lhe a dor!
Insultaram-lhe a agonia
Com a urbana ironia
Do cynismo, que aqui ha;
Apontaram-n'o, e disseram:
« Pediu amor, não lh'o deram...
« Não é amor... que será? »

A dor é sempre grandiosa,
Quando o que soffre não diz,

Que mão cruenta e raivosa
D'algoz lhe aperta a cerviz.
É nobre a dor, se ao que pena
Lingua mordaz não condemna,
Quando o sepulchro lhe cahe;
Eil-o ahi no cemiterio,
Dizei-lhe um crime, um mysterio,
Homens da affronta! fallae.

Foi-lhe este mundo um degredo,
Patria de um anjo é no céu.
Disse a Deus o seu segredo
Que toda a vida escondeu.
Essa paixão mysteriosa,
Na sua vida amargosa,
Ninguem lh'a diz, nem traduz.
O que sabem é que o morto
Achou na campa um conforto,
Onde pousou sua cruz.

III

Foi um hymno de dor pedido á alma!
Verteram-n'o, talvez, impuros labios
Na pedra sepulchral, que me ha cerrado
Uma crença que tive — a fé do amigo!
Felizes, que sorris d'uma saudade,
Que se nutre de lagrimas — comvosco
Quizera consultar — se póde a magua,
Que doe no coração, gastar-se em risos!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO VI.

Desenganos.

(Continuado de pag. 163.)

235 A posição de Mauricio variára completamente. Quebrando todas as relações que o ligavam á opposição, abandonára-se ardentemente ao amor que o devorava.

Se o amor, como disse Stael, é apenas um episodio da vida do homem, nem por isso é menos tempestuoso, essa queda para o coração. Quando o amor é um culto, uma esperança remota, uma aspiração poetica, quando nem se alimenta de dezejos, nem antevê nos seus sonhos mais do que a felicidade infinita de uma adoração silenciosa, a alma eleva-se, engrandece-se, sacrifica-se. Mas quando o amor toma os caracteres de uma paixão quasi nervosa, quando se abrasa em dezejos, quando se exalta em visões violentas, que endoidecem os sentidos, que fazem palpitar o sangue em pulsacções fogosas, então é um tremendo supplicio, é uma agonia pungente, que esterilisa a imaginação, e prostra a mais violenta vontade.

A intuição delicada de Mauricio comprehendêra, a sós comsigo, aquella mulher. Perdendo o respeito, a veneração ideal, que lhe consagrára de longe, nem por isso era menos profunda a impressão que lhe produzíra. Não a amava com aquella emoção poetica que se admira nas creações da arte allemã, nos dramas de Schiller, e nas balladas de Buger, sentia por ella o phrenesi desenfreado de Antony, a horrivel fatalidade do amor de Claudio Frollo.

Estava no seu quarto, fumando silenciosamente, deitado n'um canapé. Nem pensava, nem reflectia em si. Contava as horas, que o separavam de a vêr. Queria devorar o tempo, que o affastava della. O homem de intelligencia é despedaçado de angustia nestas crises. O talento é uma cruz ensanguentada, quando não é uma glorificação augusta.

Dahi a momentos entrava no seu quarto um dos mais espirituosos elegantes da épocha. D. Affonso era um daquelles raros typos de nobresa, que passam salvos da corrupção, e aonde se admira toda a fecunda seiva dos tempos passados. A bellesa do seu rosto, talhado em toda a originalidade peninsular, não era mais do que o retrato da sua alma. De intelligencia facil, e penetrante, não quizera todavia misturar-se nas luctas politicas: não era nem por um instincto de preguiça, nem por uma hesitação de medo; a elevação do seu caracter não se podia combinar com os meios abjectos e insignificantes, com que se dirigiam os negocios. De resto, bravo até ao heroismo, generoso até á prodigalidade, a delicadeza feminil das suas formas, poderia ser um objecto de pleito entre as bellesas faceis da regencia. Quem visse, aquelle corpo franzino, domar descuidosamente as impaciencias de um cavallo fogoso, e aquelle semblante infantil sorrir de desdem a um perigo eminente, adivinharia alli uma organisação heroica e superior, perdida sem remedio talvez, no centro de uma sociedade muito ignorante para o comprehender, e muito corrompida, para poder avivar-lhe no espirito um pensamento de ambição, ou de dominio.

D. Affonso entrára familiarmente agitando o seu chicote, e cantarolando o delicioso duetto de *Guilherme Tell*, *Ó ciel! tu sai se Mathilde m'è cara!*

A musica correspondia tão perfeitamente ás preocupações de Mauricio, que elle ergueu-se arrebatadamente do canapé, e olhou fitamente D. Affonso.

— Acaso o meu canto é como o som da trombeta do campo do juiso final, levanta os mortos das campas? — disse este rindo.

— Porque é que cantavas esse trecho de Rossini? — perguntou Mauricio ancioso.

— É a musica da moda, não sabes ainda? Fui o ultimo a aprende-la de cór — continuou D. Affonso com ar piedoso — tinham-me precedido alguns gaiatos philarmonicos, e a esganiçada flauta de uns gallegos, meus visinhos.

Mauricio sorriu-se. Aquella desenvoltura graciosa, aquelle desleixo elegante, distrahiram-no dos seus pensamentos.

D. Affonso accendeu um charuto, e sentou-se.

— Porque não appareces, porque vives dentro desta toca, prima co-irmã da agua-furtada de Gilbert, e das sobre-lojas de Malfilâtre?

— Tenho muito que fazer. Trabalho n'uma obra importante.

— Duvido dessa vocação inesperada... Falla-se muito de uma alta paixão, de que estás inspirado, e que inspiraste...

— Eu? — disse Mauricio fazendo-se extremamente pallido.

— Vaes-te mal, meu amigo; muito mal. A Viscondessa é bella, foi moça, mas gosta excessivamente de estudar no vivo a metaphisica do sentimento... Perdôa, ama em ti... um exemplar de paixão poetica, vulcanica como os cimos do Vesuvio, e inesperada como um raio de sol na atmosphera cinzenta de Londres...

— Vieste ensaiar a tua veia sarcastica?

— Não: vim fazer uma visita de medicina moral.

— Vieste tarde — disse Mauricio melancolicamente — já não ha conselhos, nem palavras que me salvem... Amo-a loucamente, apaixonadamente, não posso viver senão por ella, e para ella!

— Estás perdido — disse D. Affonso tomando um ar serio — aquellas mulheres não se vencem senão pelo calculo, e pelo sangue frio: quando te repetir que te ama, que não podia calar o segredo, que guardava dentro do peito, se lhe apalpares o coração, has-de vêl-o bater pacificamente, sem uma pulsação mais forte!

— Que queres então?... Este amor foi uma fatalidade, que nem a intelligencia nem a vontade poderam dominar. Já viste um viajante olhar voluptuosamente um abysmo, e não poder desfitar os olhos delle... Assim me aconteceu a mim. Vivo só com um pensamento, abrasa-me só uma idéa, não tenho mais que um desejo!

— E se eu te appresentar essa mulher como ella é, mais infame do que as mulheres perdidas, que a historia marcou com o ferrete da ignominia? Se a vires mais manchada do que a Dubarry no seculo XVIII, Marion de Lorme no seculo XVII, e a Ninon de Lenclos no XVI?

Mauricio escutava avidamente aquellas palavras. Se não partissem dos labios de um homem, que elle amava como um irmão, que ellrespeitava como um caracter elevado e grandioe so, talvez não podesse conter o resentimento, que lhe pungia dolorosamente no coração. Oh! então comprehendeu aquelle livro de Prévost, o amor inconcebivel de Degnieux pelos encantos vendidos de Manon Lescaut. É que o fogo da sua indignação não era bastante pera suffocar os delirios de seu amor. Ouvíra tudo, e a imagem daquella mulher pezava-lhe na imaginação, bella e idolatrada como antes, e os seus labios não fugiam daquelles labios, soffregamente devorados pelos beijos dos seus amantes, vilmente prostituidos a caricias estranhas.

D. Affonso ía começar a sua historia.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa).

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

8 a 14 de Janeiro.

DIARIO N.º 7.

236 Estatistica da Direcção Geral das Contribuições directas e proprios nacionaes de 12 de Novembro até ao fim de dezembro de 1849.

Dita da Direcção Geral das Alfandegas e contribuições indirectas — no mesmo prazo.

Ditas da Direcção Geral da Thesouraria, e Direcção Geral de Contabilidade nos mesmos prazos.

Estatistica do Supremo Tribunal de Justiça no anno de 1849.

DITO N.º 9.

Portaria acompanhando as Instrucções para servirem

de regimento do guarda-mór da Alfandega do Funchal.

DITO N.º 12.

Decreto mandando pôr em execução um Regulamento para o Conselho de Estado.

Notas do Banco de Portugal em circulação	524:780$000
Depositos — moeda metalica	461:794$397
Numerario metalico em caixa	1.103:594$628
Prata além do dito numerario	6:667$200

NECROLOGIO.

237 Ás quatro horas da tarde do dia 28 de Dezembro de 1849, morreu a Ex.ma Sr.a D. Caetana Leonor de Vasconcellos Mascarenhas Cardozo Moniz Bacellar, filha do Conselheiro José de Abreu Bacellar Chichorro, e de D. Brites Luiza de Vasconcellos Mascarenhas Cardoso Moniz. Nascida no seio de uma familia respeitavel, recebeu de seus paes uma educação desvellada, que lhe esclareceu o espirito e fortificou os sentimentos, de natural nobres e caridosos.

A 12 de Junho de 1812 esposou o seu primo o Ex.mo Sr. João Cardoso Moniz Castello Branco; fóra do asylo paternal foi então que se viu no mundo entregue á sua alma e ao seu coração, elevou o espirito á contemplação grandiosa da missão da mulher, e deve-se dizer que a comprehendeu perfeitamente; no espaço de 38 annos que viveu com seu marido, deu sobejas provas dessa inspiração; á sombra da mais intima harmonia conjugal provou a condição de todos os mortaes, gosou e soffreu, mas nunca, no prazer ou na dor, se esqueceu de que a vida é uma viagem, para não se entregar á ebriedade ou á desesperança, de modo que perdesse o rumo da sua perigrinação; sensivel mas espirituosa e diligente affrontou todas as vicissitudes dos seus dias com um animo varonil! (não nos deixa a sensação que nos domina affrontar singularmente os trances em que as suas virtudes tantas vezes se assignalaram) e não foi só espoza e mãe, foi tambem mulher.

A miseria, que se lhe aproximava, sempre encontrou abrigo no seu coração; e era tão meigo o acolhimento que dava a todos que a tractavam, que na villa de Borba (aonde passou a maior parte da sua vida) rebentou espontanea e universalmente o sobresalto e a consternação, quando soou a noticia de que o estado melindroso de sua saude a obrigava a sahir daquella villa; tinha no peito as affeições de todos, a separação devia ser dolorosa.

Ao cabo de uma jornada violentissima, chegou a Lisboa, aonde a sua familia a aguardava no ancioso conflicto entre o receio e a esperança: nos braços dos seus parentes recebeu todos os soccorros da medicina, ministrados pela mão da amizade, mas tudo foi baldado... Deus queria aquella alma!.. Quando a infeliz chegou a esta cidade, havia já perto de seis mezes que a morte lhe pairava na vida... já tinha soffrido muito... e muito mais ainda soffreu no espaço de quatro mezes que viveu aqui.

Mas o que enche de espanto e penhora o animo de todos é que no meio daquelles padecimentos insoffridos, porque passou, nunca deixou de exercitar a caridade e de a promover dos outros, quando as suas forças não bastavam para alevantar a desventura que via a seus pés... sendo que até ao instante solemne, em que viu o ultimo raio de vida, mostrou sempre uma abnegação tão completa de si, que momentos antes desse momento fatal, perguntando por seu filho a seu marido, este lhe disse se o queria vêr, elle porém tranzida da mais pungente emoção, respondeu: «*Oh! não, não tenho animo para vêr um infeliz, que perde sua mãe.*» Pouco depois no corpo, aonde brilhou um espirito radiante, estava o silencio e a immobilidade da morte!.. Nenhuma alma se foi ainda de terra mais pura e mais chorada; já não é nossa... agora é só de Deus!

S. A.

PROBIDADE RECOMPENSADA.

238 Vimos noticiado pela imprensa, sem muita exactidão, um acto relativo a uma pessoa geralmente estimada, e com rasão julgamos um dever rectificar com informações exactas o que se passou ácerca de uma herança, ha pouco recebida pelo Sr. Luiz Teixeira Homem de Brederode. Por occasião de uma sua grave doença aconteceu que um visinho, o Sr. Diogo José Lobo de Avila Thorel, se interessou o mais que era possivel pela sua saude. O Sr. Thorel vivia ha muito tempo de um modo particular — em todo o anno só sahia á rua uma vez quando se confessava — fóra disto não se conhecia circumstancia capaz de o fazer mudar de proposito de estar sempre em casa.

Foi tal o cuidado que lhe mereceu o Sr. Brederode que mandava o seu medico, só para obter informações exactas do seu visinho. Este quando melhorou foi gostosamente agradecer-lhe tanto desvello, e por tal modo o Sr. Thorel se captivou do tracto e amizade do Sr. Brederode, que o instituiu por seu testamenteiro e unico e universal herdeiro, quando ha pouco falleceu.

Depois do fallecimento do Sr. Thorel duas de suas criadas contempladas no testamento appresentaram ao Sr. Brederode 1:000$000 de réis dizendo que o Sr. Thorel em vida lhe tinha dito, que a quelle dinheiro pertencia a ambas no cazo delle morrer sem testamento. O Sr. Brederode apezar desta circumstancia se não ter realisado, premiou tão evidente prova de probidade dizendo-lhe que podiam considerar seu esse dinheiro e ainda hoje conserva e sustenta a mesma familia que o Sr. Thorel tinha em caza. Estes factos contém em si um louvor que nós com satisfação registamos nas columnas do nosso jornal.

TEMPESTADE.

239 As cartas de Messina referem que no dia 12 do passado cahiu sobre aquella cidade um temporal horrivel, ignorando-se ainda a extensão dos desastres

e avarias que causou; mencionava-se já a perda de muitos navios, um delles francez.

Em todo o mez de Dezembro açoitaram a costa de Toulon ventanias tão rijas e sem intermittencia, que os habitantes muito receavam graves sinistros á esquadra do Mediterraneo, se chegasse a demandar o porto, na conformidade da primeira ordem que recebêra.

CAZA DE EDUCAÇÃO.

240 É com o maior prazer, e com inteira confiança, que recommendamos aos nossos leitores o novo Collegio de Meninas, fundado e dirigido por Madame Sá Vianna, e situado na Calçada Nova de S. Francisco, n.ª 3, 2.º andar. A longa pratica de ensino desta Senhora, o seu muito saber, e as suas apreciaveis qualidades, são a mais valiosa recommendação do seu estabelecimento, a que predizemos o mais brilhante resultado.

NECROLOGIO DE 1849.

241 Augmenta-se a lista das personagens distinctas fallecidas neste anno com os seguintes nomes: — Garnier, e Quatremère de Quincy, membros do Instituto de França.

Os marechaes francezes, Bugeaud e Molitor.

Carlos Alberto, rei da Sardenha; Guilherme II, rei dos Paizes-Baixos; o grão-duque Miguel da Russia; o archiduque Fernando d'Este da Austria; Mehemet-Alli, pachá do Egypto; a rainha viuva da Inglaterra, princeza Adelaide.

GUARDA NACIONAL DE PARÍS.

242 No mez de Fevereiro de 1848 a Guarda Nacional de París constava de 58,000 baionetas, e no tempo do Governo Provisorio elevou-se a 241,884 praças. Na actualidade fórma 12 legiões repartidas em 362 companhias de infanteria e seis esquadrões de cavallaria com a força total de 100,485 homens.

RIGOR DO ACTUAL INVERNO.

243 O frio tem sido tão intenso em Madrid que o grande tanque do palacio del Retiro gelou completamente, correndo sobre elle os que tomam o divertimento de passear sobre o gelo, coisa extremamante rara na Hispanha.

Os caminhos de ferro de París a Chartres e a Orleans cobriram-se de neve, de modo tal que no dia 28 de Dezembro, os trens de Carroagens tiveram de fazer alto. Na estação d'Epernon a neve tinha perto de cinco palmos de altura. Os carabineiros desentulharam a via ferrea, e poderam depois os comboys seguir seu transito.

Lê-se no *Times*: —

«Desde Quinta-Feira 27 de Dezembro, o Canal de Inglaterra e o mar do Norte agitam-se com tormentas acompanhadas de nevoeiros mui bastos. Não tem numero os sinistros na costa do Norte; mais de 200 embarcações costeiras refugiaram-se em Lowestoff e Harwich, e pela maior parte com avaria grossa. Entre aquelles dois portos pereceram quatro navios, ignorando-se se as equipagens poderam salvar-se. O Canal offerece um espectaculo lastimoso; todas as bahias e enseadas estão cheias de embarcações, mais ou menos avariadas.»

PRAÇA DE LISBOA.

Em 16 de Janeiro.

244 Não houve alteração no preço cotado para os papeis de credito em o n.º anterior.

Cereaes em 16 de Janeiro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350 a 450	réis	a	bordo.
» » molle .	de 410 a 460	»		»
» da ilha.	de 335 a 390	»		»
Milho do reino.	de 220 a 225	»		»
» da ilha.	de 190 a 200	»		»
Cevada do reino.	de 190 a 200	»		»
» da ilha	de 170 a 180	»		»
Centeio do reino	de 210 a 215	»		»

Estado do mercado, em 16 de Janeiro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Tem-se effectuado algumas vendas para o consumo

Assucar de Pernambuco B. novo 1$450 a 1$600 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$350 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$300 a 1$400 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$100 a 1$150 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Do novo, recem-chegado, mui pequenas vendas se tem realizado para o consumo, recuzando os compradores dar os maiores preços cotados. Do velho, continuam as vendas para o consumo.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé do Rio — 2$500 a 2$600 rs. — Preços nominaes.

Cera de Angola B. 255 a 260 rs. — Dita A. 240 a 245 rs. — Continúa a ser procurada para embarque, tendo-se effectuado mais algumas vendas.

Marfim de lei 960 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Tem-se realisado mais vendas para reexportar, inclusivè uma pequena partida do de lei de mui superior qualidade, que chegou ao preço de 1$200 rs.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Não nos consta que houvesse mais vendas.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

245 *Londres, 7 de janeiro.* — O nosso correspondente de Londres participa-nos o seguinte.

Os consolidados abriram no sabbado 5 com os preços de $96\frac{7}{8}$ a 97, declararam por breve espaço a $96\frac{3}{4}$, e logo os mesmos preços da abertura da praça, sem variação alguma no restante do dia; ficaram por tanto de $96\frac{7}{8}$ a 97 sem dividendo e para 16 do corrente: os tres por cento foram ultimamente cotados por $97\frac{1}{8}$, os novos $3\frac{1}{4}$ por cento, obtiveram $98\frac{1}{2}$ a $98\frac{3}{4}$.

Continuam escassas as transacções em fundos estrangeiros. Os 4 % portuguezes ficaram a $36\frac{3}{4}$ dinheiro e $36\frac{1}{2}$ para conta.

No mercado de generos, o assucar ainda é procurado, sem alteração nos preços alcançando o de Brazil os mais vantajosos. De café não houve grandes vendas, algumas pequenas partidas em segunda mão se extrahiram e foram caras.

Em Liverpool tinha sido procurado o chá tanto preto como verde, com o augmento de $\frac{1}{2}$ a um dinheiro por lib., preferindo-se as melhores qualidades. Venderam-se 100 barricas de sarro de vinho vindo do Porto a 29 sh. por cwt. O azeite de oliveira teve procura durante a semana finda em 5, e por consequencia alteou o preço. O algodão mantinha-se firme, e extrahiram-se seis mil balas.

O mercado de Manchester no dia 5 appresentava os mesmos symptomas de melhoramento que nas precedentes semanas, progredindo a extracção de lãas fiadas, quer para exportação quer para consumo das manufacturas do interior, e bem assim a dos tecidos de lãa: os preços conservavam-se firmes.

O preço do pão de trigo em Londres está a $6\frac{1}{2}$ d. por 4 lib., o mais inferior 9 a 6 dinh.

Chegou o paquete Ashburton de Nova-York mas ainda não trouxe a mensagem do presidente ao congresso de Washington.

Escrevem de Hamburgo que o Elba é planicie de gelo, quanto os olhos podem avistar. Já se vê que a navegação a vapor no rio está absolutamente tolhida, bem como a externa. As noticias commerciaes daquella parte da Allemanha são de pouco vulto.

Paris 5 dito. — Os 5 por % ficaram a 92,60 e os 3 por % 56,60 dinheiro de contado. Durante todas as horas de praça fallava-se em modificação ministerial mui proxima, mas julgava-se que seria parcial, entrando Mr. Fould em a nova combinação. Como as esperanças dos interessados na subida dos fundos estão ligados á existencia ministerial de Mr. Fould, acreditava-se n'uma alta extraordinaria. Comtudo os compradores mais prudentes, conhecem a necessidade de não se exporem ao revez provavel de uma reacção, e os que auferiam lucro de suas anteriores especulações procuravam realisal-o, por isso os preços não faziam differença ao fechar da praça.

As acções do Banco de França começavam a restabelecer-se do abalo que soffreram; depois do dividendo de 52 fr., subiram 20 fr. elevando-se a 2,370 fr. Estas acções ainda são os valores de preferencia dos fortes capitalistas.

O balanço do Banco publicado em 4 dá o seguinte resultado.

Reserva metallica, 432 milhões, augmento sobre a semana precedente um milhão.

Notas em circulação 451 milhões, augmento sobre a semana 14 milhões. Differença entre a reserva e a circulação 20 milhões.

Conta corrente do thesouro 72 milhões; diminuição na mesma 3 milhões.

Bolsa de Berlim no dia 2. — Os 5 por %, $106\frac{3}{4}$ — Banco, $93\frac{1}{2}$.

Vienna 31 de Dezembro. Os 5 por % $95\frac{1}{8}$; 4 por % 75 — Banco, 1,175 fl.

BIBLIOGRAPHIA.

O ATHENEU.

246 Sahiram á luz o 1.° e 2.° numeros deste Jornal Scientifico e industrial, redigido pelos Srs. Antonio de Serpa Pimentel, João de Andrade Corvo, Joaquim Julio Pereira de Carvalho, José Eduardo de Magalhães Coutinho, José Maria Latino Coelho, Luiz Augusto Palmeirim, Thomaz de Carvalho, Luiz de Almeida e Albuquerque, Joaquim Thomaz Lobo de Avila, Albino Francisco de Figueiredo e Antonio Joaquim de Figueiredo.

O 1.° numero contém os seguintes artigos: — *O Atheneu:* desenvolvendo o pensamento desta empreza Litteraria — *Economia Agricola*: relações da agricultura com a economia politica e com a administração; *Os morgados:* impressões de uma viagem no Alemtejo; *Breves considerações sobre o estado da poesia e litteratura em Portugal; Hygiene publica*: ophtalmia dos Granadeiros da Rainha. *Curso de Sciencias Economicas e Administrativas no Gremio Litterario;* Annuncios.

O 2.° numero contém os seguintes artigos: — *Vias de communicação*, estradas; *Os factos e os problemas economicos*; *Noticias Scientificas*: Novas experiencias sobre a velocidade da Luz, Experiencias de M. Despretz sobre a fusão e volatisação de todos os corpos, Meteorologia (extracto de uma carta de M. Humboldt a M. Arago), noticia biographica de Sir H. Brunel, operação de gastro-stomia, praticada pela primeira vez por M. Sédillot a 15 de Novembro de 1849, chloroformio, plantação de trigo.

Este Jornal sae para as Provincias nos Sabbados, e é distribuido em Lisboa aos Domingos. — Preço: por tres mezes, 600 réis. Por seis mezes, 1$000 réis. Por anno, 1$920 réis. Avulso 60 réis. Annuncios 40 réis por linha.

—

Publicaram-se em Paris nos ultimos dias de dezembro, entre outras, as seguintes obras.

—

NOUVEAUX PRINCIPES D'ECONOMIE POLITIQUE, par Camille Esmenard de Mazé, 6 fr.

—

HISTOIRE DES PROGRÈS DE LA GÉOLOGIE DE 1834 A 1845; par A. d'Archiac. — Tom. 2.° — É publicada pela Sociedade Geologica de França sob os auspicios do ministro de Instrucção Publica.